
O Fervo Também é Luta¹

Daniel José de Castro Silva ZACARIOTTI²

Anelise Wesolowski MOLINA³

Universidade Católica de Brasília, Brasília, DF

Resumo

Este artigo busca discutir a importância de se utilizar festas como um espaço de expressão de sujeitos e subjetividades LGBTI, com foco nas performances e desejos corporais destas pessoas. Entendendo as festas como um espaço de troca comunicacional e formação de opinião e pensamento, o artigo visa um estudo de caso de três festas da cidade de Brasília aliado a uma revisão bibliográfica, passando por conceitos como o de LGBTI e de gênero, os quais são fundamentais para o entendimento do presente artigo. Esperamos poder frisar a importância da existência de festas com um caráter político e de representatividade social.

Palavras-chave: Comunicação; Entretenimento; Gênero; LGBTI; Representatividade.

1- Contextualização

Festas tem tido uma relevante importância quando falamos de relações sociais contemporâneas – principalmente quando falamos destas relações entre jovens –, seja por estarem presentes na grande maioria das cidades ou por estas serem comumente recorridas quando jovens procuram um programa noturno. Com o advento das redes sociais digitais e o acesso em massa à internet, ficou mais fácil se ter conhecimento de informações básicas sobre as festas, como local, valor, horário, estilo de música, o que vestir, o que será vendido, como será a experiência e outros elementos.

Neste artigo pretendemos refletir sobre a relação entre festas e representatividade de pessoas LGBTI (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Trans e Intersex), como estas pessoas vem utilizando o espaço de festas como um local de experiências e de liberdade para performar seu gênero ou sua orientação sexual e como este espaço da festa vem sendo reconstruído a partir desta performance e necessidade de pessoas que apresentam

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática de Interfaces Comunicacionais, da Intercom Júnior – XIII Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Graduando do 6º. semestre do Curso de Comunicação Social da UCB. E-mail: danielzacariotti@gmail.com

³ Orientadora do trabalho. Mestre em Comunicação Social pela Universidade de Brasília. Professora do curso de Comunicação Social da UCB, E-mail: anelise.molina@gmail.com

orientações sexuais diferentes da heterossexual e gêneros dissidentes. Trabalharemos com um estudo de caso de como festas aconteceram a partir dessa necessidade desse grupo de indivíduos de se frequentar locais não LGBTIfóbicos.

Faremos uma breve contextualização expondo alguns conceitos que serão relevantes para a construção do presente artigo, como: gênero, LGBTI, festa, representatividade, experiência e performance (passando por definições de corpo). Em seguida, desenvolveremos um pensamento convergindo à pesquisa bibliográfica desenvolvida com os relatos levantados no estudo de caso.

Entendendo a relevância dos conceitos “gênero”, “LGBTI”, “representatividade”, “festa”, “experiência”, “performance” e “corpo”, é importante que entendamos a relevância deste tipo de pesquisa para o âmbito comunicacional. Comunicação atualmente se apresenta com um caráter tão interdisciplinar e amplo, por seu fator fundamental perpassar diversas áreas, que poderíamos dizer que Comunicação e estudos de caráter social deveriam estar sempre relacionados.

Passando por diversos âmbitos de pesquisa da Comunicação – mercadológicos, criativos, comportamentais, teóricos e outros – chegamos a pesquisa dos elementos simbólicos desenvolvidos nas relações interpessoais, que seria a área com maior abertura interdisciplinar dentro do dito campo. Nesta perspectiva, acreditamos que estudar festas e as relações que ocorrem nestas – analisando o como ocorrem e porque ocorrem, partindo do referencial de elementos propostos pela própria festa – é de extrema relevância para o meio comunicacional, devido ao seu viés de maior entendimento de elementos interdisciplinares que perpassam a comunicação – como a arte e o entretenimento.

Finalizando a contextualização e posicionamento do trabalho, iremos entrar em uma análise mais profunda do nosso objeto de pesquisa, as festas Afete-se, Baile Dionisíaco e Factory.

2- Objeto

Trabalharemos com a análise de três festas que surgiram e acontecem atualmente na cidade de Brasília –DF, sendo estas: Afete-se, Baile Dionisíaco e Factory, desde sua criação, público frequente, apresentações e estilo, até a realização de cada uma isoladamente. Escolhemos estes elementos por acreditarmos que a apresentação dos mesmos auxiliará mais claramente na análise das festas.

A Afete-se é uma festa/projeto criada em 2016 em Brasília, realizando edições que contam sempre com um grande número de público. As informações aqui colocadas foram coletadas a partir de entrevistas realizadas com uma das criadoras do projeto e produtora executiva, Nana Yung. A Afete-se foi concebida da ideia de promover um projeto que conformasse espaços de cultura e inclusão para o público e artistas, do afeto como premissa principal de como unir pessoas e fazeres artísticos de uma forma positiva, de acordo com a referida produtora. Nana conta que o público-alvo da festa está entre os 20 e 35 anos, composto por uma imensa diversidade de grupos que não corroboram com machismos, preconceito racial e de gênero, como artistas, jornalistas e jovens interessados em movimentos sociais entre outros. Ela diz ainda que, apesar deste ser o público para o qual a festa foi pensada, na festa comparecem pessoas de outras faixas etárias também – por haverem shows com artistas muito conhecidos.

Quando perguntado sobre a questão da escolha das atrações da festa, a mesma nos diz: “Temos uma curadoria, que também é colaborativa (levamos em consideração artistas mencionados pelo público) e fazemos essa ligação com artistas que tem no mote de seus trabalhos essa aproximação com a luta pela diversidade e questões sociais e de gênero ou outras questões de respeito que se aproximem do que a Afete-se coaduna”.

Nana explica que, como projeto, a Afete-se visa se posicionar como um festival de arte e urbano que tem modelos diferentes de se apresentar na cidade (shows, festas, exposições, sítio de experiências e outros). Quando perguntado sobre como funcionava a construção de cada edição, Nana nos respondeu: “Cada edição tem suas particularidades – inclusive pela dimensão da ação da vez – mas em suma, o grupo central se reúne, levanta as hipóteses de atração e dimensão, define o modelo de trabalho e a obra, depois vamos atrás de todas as questões técnicas para realizar a ideia que fica definida”.

Nana por fim trouxe um relato que acreditamos que seja válido ser mencionado aqui para um entendimento mais concreto da realização e perfil da Afete-se: “A Afete-se se posiciona como uma ágora, um espaço de representatividade para artistas LGBTI tanto musical quanto visualmente, e vai além, tangendo outras questões que acabam entrando em pauta também! Aliás, tanto para os artistas, quanto para as pessoas/público se expressarem livremente, as pessoas são convidadas a se montar, libertarem-se e afetarem-se... numa corrida por normalizar o amor”. Após este breve relato, entendemos esta festa como um espaço de liberdade para que as pessoas se expressem e se experimentem.

A segunda festa que traremos – Baile Dionisíaco – teve sua primeira edição

realizada no ano de 2014. Os relatos aqui apresentados foram obtidos a partir de entrevista realizada com Fábio Jorge e Fufy Love, sendo ambos produtores e DJs da festa. Quando questionados sobre a criação da festa, os mesmos relataram: “A ideia do baile veio da necessidade de Fufy Love em pagar seus aluguéis atrasados. Com isso veio o primeiro baile: Baile Dionisíaco das Sereias Pornográficas. A ideia inicial era juntar festa e performance, um ritual unindo o sagrado e o profano. Fufy fez o convite para vários amigos performarem durante a festa, tocar músicas e outros para ajudar com limpeza e decoração da, até então, ratoeira (hoje Sub Dulcina). Tudo foi cooperando, e o primeiro baile aconteceu sem nenhuma verba para organização, mas com uma equipe de amigos que compraram a ideia. Percebendo que o baile foi um sucesso, a Família Cristã (coletivo formado por ex-alunos da Faculdade de Artes Dulcina de Moraes e um codinome pelo qual nos chamamos e somos chamados por amigos mais próximos) decidiu dar continuidade a festa, reestruturando-a e formatando sua identidade”.

Quanto à questão do público, foi dito que o Baile seria uma festa para todos, uma junção de tribos. Eles relataram que zelam pelo respeito ao próximo e não toleram nenhum tipo de discriminação, racismo, homofobia ou elementos relacionados. A organização da festa acredita no amor e na força de transformação que a arte tem a oferecer, disse Fufy.

Perguntamos sobre a seleção de atrações, foi dito que: “Convidamos as manas que estão próximas a nós. A Família Cristã fica maior a cada edição do baile. Muitos nos procuram para trabalhar na festa, seja vendendo cookies, tirando tarot, fotografando e, principalmente, performando. Percebemos uma forte movimentação das manas drags, principalmente as freaks, monstras, demônias. O baile é esse território onde se pode ser o que quiser e o que nos deixa mais felizes é ver que boa parte do público veste a proposta. Montação, close e performance são a mistura da nossa noite”.

O Baile Dionisíaco é trazido como uma festa sem estilo. “Livre, leve e solto. Somos tudo, todas as possibilidades, sem rotular. Abraçamos todas as classes, gêneros, sexualidades, formas, cores e sons” disse Fábio. Por fim, perguntamos sobre a organização e foi dito que: “Hoje temos setores de produção, tudo se molda conforme as necessidades de cada edição ou conforme a evolução do próprio projeto Baile Dionisíaco. O público é o ponto chave para o nosso planejamento. Fazemos uma festa que gostaríamos de frequentar. Por isso, desde sempre ficamos atentos ao trato e à convivência social, desde a produção até a realização da festa em si; isso nos norteia”.

Entendemos assim o Baile Dionisíaco como a festa com o caráter mais de gestão coletiva e de um cenário de provocação das três trazidas aqui. Ressaltamos o caráter de construção social e política desta festa, por ter sido criada dentro dos espaços da Faculdade de Artes Dulcina de Moraes que está em um estado de calamidade política e monetária.

Por fim, a terceira festa selecionada para este estudo. A festa Factory foi criada em 2014 por três produtores de Brasília, Bruno Antun, Fernando Carvalho e Nina de Albuquerque. As informações aqui descritas foram coletadas a partir de entrevistas realizadas com o produtor Fernando Carvalho. A Factory surgiu com a ideia de ser uma festa ligada ao mundo das artes, propondo ao público performances e experiências estéticas/políticas diversas. Fernando nos relata: “Com o tempo foi juntando uma galera muito afim de transformação do status-quo vigente, tanto na sociedade como nos micro-encontros das festas, e aí passou a ser uma festa fora dos parâmetros estabelecidos. Cada pessoa que frequenta passou a vir do jeito que queria com o que seus corpos pediam para aquela noite, sendo que as pessoas vão vestidas como querem ou até nuas. A Factory virou, até o momento, uma zona autônoma temporária, onde se pode divertir sem receio de abusos, pois não há espaço para os poderes machistas do cotidiano, na qual se pode realmente dançar e libertar um pouco mais o corpo”.

Quanto ao público, o mesmo relata que a festa não tem um público-alvo estabelecido. Quando perguntado sobre a seleção de atrações para a festa, ele disse: “A gente recebe propostas das pessoas e também convida as amigas e amigos. Às vezes aparecem pessoas que querem performar justo por acreditar na festa e no movimento que ela tem provocado. Por dois anos estamos sustentando na força, porque, mesmo trazendo artistas de peso como a MC Linn da Quebrada, a gente quer colocar o ingresso no valor de 10 reais para dar acesso às pessoas, pois pensamos que não faz sentido trazer artistas de representatividade para um público que não vai poder pagar 40 ou 50 reais”.

No quesito de música e perfil da festa Fernando nos diz que eles tentam ter diversos tipos de música, do pop ao experimental, entendendo a festa como um espaço de experimentação, até no quesito das músicas. Por fim, o produtor nos fala sobre o funcionamento e organização de cada edição: “A organização se dá em torno de um tema, pensando sempre em um tema relevante político/social e/ou estético que envolva aquele mês”. Sendo assim, entenderemos a Factory como esta festa com um caráter

extremamente experimental e de proposta libertária.

3- Metodologia

O presente artigo fará um estudo de caso das três festas apresentadas como objeto do mesmo, focando nas questões apresentadas – criação, público frequente, apresentações, estilo e realização – e de como estas podem ser um sinal de representatividade, pela simples existência e abertura para que pessoas possam usufruir das mesmas.

As questões referentes a cada uma das festas foram coletadas a partir de entrevistas com os produtores das mesmas, as quais foram realizadas nos meses de maio e junho de 2017, contando com um total de sete perguntas base, feitas a partir da troca de e-mails e encontros gravados. Além das sete perguntas básicas, cada um dos produtores relatou um ponto que chamava a atenção do mesmo dentro do espaço da festa. Após entendermos a história e colocação de cada uma das festas, faremos uma análise da relevância e necessidade de festas como estas para que pessoas LGBTI tenham um espaço para livre performatividade e demonstração de afeto, um local de representatividade gerado pelas próprias pessoas que precisam dessa representatividade.

Finalmente, trabalharemos com a análise de material bibliográfico, partindo de autores relevantes para os assuntos aqui levantados e textos com um material teórico relacionado a este estudo, com o objetivo de que os termos e conceitos aqui levantados tenham um embasamento prévio considerável.

4- Referencial teórico

Adentraremos agora em um entendimento dos conceitos e termos aqui utilizados de maneira mais profunda e verticalizada.

Faremos uma breve conceituação de gênero, sendo este um tema já desenvolvido e aprofundado pelos presentes autores em outro artigo. Trabalhando com o pensamento de três autoras das questões de gênero: Judith Butler, Iris Marion Young e Joan Scott, os presentes autores definiram gênero no artigo “Identidades trans no Tinder” como:

[...] o conjunto de construções/padrões sociais que, aliado a pensamentos e características pré-concebidas do ser, delimitam o seu modo de performance perante a sociedade. Quando definimos o gênero

aliado ao conceito de performance o tomamos como uma manifestação de um sentimento, pensamento e vontade interiores do indivíduo, sendo estes influenciados por seu meio. Tomando também o gênero como algo não exclusivamente binário e sim um fator que pode, ou não, passar pelo masculino e/ou feminino e se sobrepor a estes (ZACARIOTTI e MOLINA, 2017, p.4).

Após entendermos o que será gênero, devemos apontar como o mesmo será utilizado em nossa análise; entender, mesmo que brevemente, que gênero será de suma importância para a construção deste artigo pois, entenderemos a festa como um espaço não só de liberdade em relação a questões de afeto (orientação e atração sexual) mas também, em relações a questões de auto expressão interior.

Quando falamos de LGBTI devemos entender o que cada uma destas letras significa e representa. Sendo assim, explicaremos cada uma delas – entendendo que estas letras passam por questões ligadas a afetos, gênero e fisicalidades.

Entenderemos LGBT de acordo com relatório liberado pela American Psychological Association⁴, onde L é a letra que representa mulheres lésbicas, mulheres que tem relações amorosas com outras mulheres; G representa os homens *gays*, homens que tem esse tipo de relação com outros homens; B a letra para os bissexuais, homens ou mulheres que se atraem por homens e mulheres; T a letra que representa transexuais, transgêneros e travestis, sendo o primeiro indivíduos que realizam mudanças em seu corpo relacionadas a seu sexo anatômico, o segundo indivíduos que saem do padrão de gênero lhe imposto ao nascer e o terceiro indivíduos nascidos com o sexo biológico masculino e que performam um papel de gênero – em geral – feminino .

Por fim, I a letra que representa os intersexuais, que – de acordo com a Sociedade Intersexual Norte Americana⁵ –, por uma variedade de condições, são pessoas que nascem com uma anatomia reprodutiva ou sexual que não se encaixa na definição típica de sexo feminino ou masculino.

Entendendo estes dois pontos que serão de suma importância para a construção do presente artigo, vamos analisar como serão utilizadas as palavras festa e representatividade no presente artigo.

Utilizaremos festa no presente artigo como uma reunião de um grupo de indivíduos com um propósito comum, podendo este propósito ser de entretenimento, de apreciação musical e cultural, de fuga da vida cotidiana, de religiosidade e outros.

⁴ Disponível em: <http://www.apa.org/topics/lgbt/>

⁵ Disponível em: http://www.isna.org/faq/what_is_intersex

Os eventos (acontecimentos coletivos organizados) são muito antigos na trajetória da humanidade. Podemos imaginar que eles já existissem antes das civilizações antigas, pois as sociedades tribais existentes hoje ainda traduzem em seus encontros rituais a essência do vínculo social que as unifica, concretizado em cerimônias, liturgias, festas, celebrações, reuniões de deliberação. Esses acontecimentos produzem sinergia pela reunião, marcando a história do grupo, pontuando sua vida coletiva, produzindo resultantes afetivas e morais nos membros das comunidades, revigorando suas crenças, fortalecendo seus laços, fortalecendo sua identidade, recuperando o seu passado, preparando-os para o futuro (MORAES, 2013, p.7).

Entendemos que, assim como apresentado acima, estas reuniões possuem um caráter extremamente simbólico e importante para as relações sociais, estando presentes em diversas sociedades através da história e formulando a identidade destas sociedades em questão.

Toda festa ultrapassa o tempo cotidiano, ainda que seja para desenrolar-se numa pura sucessão de instantes, de que o “*happening*” constitui o caso limite. Toda festa acontece de modo extra-cotidiano, mas precisa selecionar elementos característicos da vida cotidiana. Toda festa é ritualizada nos imperativos que permitem identificá-la, mas ultrapassa o rito por meio de invenções nos elementos livres (AMARAL, 2004, p.39).

Consideraremos ainda a festa como um fenômeno comunicacional que se apresenta como um espaço de liberdade e exteriorização de vontades e ações consideradas proibidas em espaços comuns de trabalho e estudo, como por exemplo, o consumo de drogas lícitas e ilícitas, sendo assim um espaço “extra-cotidiano”. Um local onde o indivíduo se insere para ter uma maior liberdade corporal e de comportamento.

Para entendermos representatividade devemos primeiramente entender as festas como um elemento integrante do espaço da mídia, pois a partir do momento que a mesma tem um papel de expoente comunicacional ela se torna parte desta mídia.

A mídia é, nas sociedades contemporâneas, o principal instrumento de difusão das visões de mundo e dos projetos políticos; dito de outra forma, é o local em que estão expostas as diversas representações do mundo social, associadas aos diversos grupos e interesses presentes na sociedade. O problema é que os discursos que ela veicula não esgotam a pluralidade de perspectivas e interesses presente na sociedade (MIGUEL, 2002, p. 163).

Devemos entender a representatividade relacionada à representação, sendo esta um espaço em que uma parcela de indivíduos – neste caso, indivíduos LGBTI – teria para

se auto afirmar e existir. Falamos muito de representatividade ao pensarmos elementos como porcentagem ou numeração de indivíduos que representem um grande grupo, exemplo claro em cargos de liderança ou políticos. O problema seria a falta de representatividade, assim como apresentado por Miguel na citação acima; devemos pensar então, as festas como um potencial elemento para prover maior abertura e espaço para o público LGBTI ter uma representação e um espaço de representatividade.

Após entendermos o que será tomado como festa e representatividade neste artigo entraremos num caráter mais simbólico do que festas propiciam e de como comportamentos podem acontecer. Iniciaremos falando sobre as festas como um espaço fundamental de experiência, para isto devemos entender o que trataremos como experiência.

A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece (BONDÍA, 2002, p. 21).

Quando entendemos a experiência como o que nos passa podemos facilmente associá-la ao presente entendimento de festas, sendo ambas algo que se passa com os indivíduos que se propõem a vivenciá-las. Outro entendimento importante de experiência que desejamos trazer para o presente artigo é o de que esta realiza alguma mudança no indivíduo, nunca vivenciamos uma experiência sem que sejamos impactados e modificados por ela.

Ou seja, uma experiência, por definição, determina um antes e um depois, corpo pré e corpo pós-experiência. Uma experiência é necessariamente transformadora, ou seja, um momento de trânsito da forma, literalmente, uma trans-forma. As escalas de transformação são evidentemente variadas e relativas, oscilam entre um sopro e um renascimento (FABIÃO, 2008, p. 237).

Sendo assim, entendemos que festas tem um caráter modificador nas vidas e relações intrapessoais e interpessoais dos indivíduos pois são oportunidades de experiência, considerando estas experiências principalmente estéticas, amorosas e psicológicas. Agora entraremos na questão da performance propriamente dita, sendo que esta está fundamentalmente ligada ao conceito de experiência, pois a performance também seria uma experiência.

Para isto, traremos principalmente estudos de Jorge Glusberg para encontramos a melhor definição de performance para o presente artigo. Glusberg nos traz a performance

como um estado de libertação para as vontades intrínsecas do indivíduo, um momento em que o corpo poderia se expressar e se colocar de sua maneira mais “*in natura*” possível. A performance para ele também vem sem estereótipos e preconceitos, isto é de extrema relevância para o presente artigo pois, queremos entender a festa como um local de performance exatamente por ser um espaço onde indivíduos dissidentes poderiam performar de maneira livre.

Glusberg ainda nos traz em seu livro “A Arte da Performance” um ponto de debate fundamental.

Tudo se sucede como se, numa época privada de transcendência e despojada de formas e estruturas – festas, rituais, sacrifícios, orgias canibalísticas -, surgisse a necessidade de procurar, na iminência do gesto – posto no nível elementar do corpo – uma volta ao cerimonial (GLUSBERG, 2005, p.52).

Quando paramos para pensar nas relações contemporâneas e como elas afetam o ser percebemos que estas relações se mostram cada vez mais superficiais e por isso, o nível de conexão das pessoas com elementos não-materiais se torna cada vez mais raso. Quando Glusberg nos traz a questão da “época privada de transcendência” podemos entender isto como esta falta de conexão com elementos intangíveis e subjetivos. Porém, discordaremos do mesmo ao distanciar as festas do nível elementar do corpo – gesto – pois, acreditamos que estas, como um elemento de cerimônia, possuem uma relação clara com o gesto e o corpo, exercendo um papel de libertador e catalizador dos mesmos.

Devemos pensar o corpo ainda como este espaço de formação e constante mutação social, sendo este como um receptáculo de infinita troca de informação e de conhecimento. Assim, o corpo pós-festa e pós-experiência desta festa seria um novo corpo se comparado ao corpo pré-festa e pré-experiência.

O corpo não é um lugar onde as informações que vêm do mundo são processadas para serem depois devolvidas ao mundo. O corpo não é um meio por onde a informação simplesmente passa, pois toda informação que chega entra em negociação com as que já estão. O corpo é o resultado desses cruzamentos, e não um lugar onde as informações são apenas abrigadas (GREINER, 2005, p.130).

Este corpo, assim como apresentado por Christine Greiner, mutável e resultado de todas as vivências pelas quais o mesmo já passou, é o corpo que tomaremos nesse artigo como o sujeito que vive estas festas como este espaço de aprendizado, experiência e liberdade. Devemos entender ainda o porque deste foco necessário no corpo. Na história

humana, e principalmente na contemporaneidade, o corpo – e seus elementos – se tornaram o principal elemento de dúvida e questionamento, seja por estudos sociológicos, filosóficos, comunicacionais, artísticos, psicológicos, biológicos e de outros campos. Este questionamento surge pela constante busca do ser humano de entender a si mesmo e suas relações com outros seres.

O corpo humano sempre foi objeto do olhar e da criação artística. Neste século, mais acentuadamente neste final de século, quando nossos corpos atingem um nível de plasticidade extrema e de dissolução de suas fronteiras físicas, sensíveis, cognitivas, não é de se estranhar que o corpo tenha se tornado o grande tema, foco, representação, objeto performático e objeto simulado das artes (SANTAELLA, 2002, p.204).

Sendo assim, entendemos a relevância de se estudar uma relação/manifestação tão presente na vivência da maioria dos corpos – a festa – como um espaço de luta por uma liberdade de expressão e por um local de livre performance de sentimentos interiores do ser.

5- Análise do objeto

Após entendermos melhor os conceitos que aqui serão utilizados e as festas que serão tomadas como objeto de pesquisa deste artigo, entraremos na análise de como estas festas podem contribuir no quesito da representatividade LGBTI. O espaço de festas por muito tempo foi considerado um espaço de gueto e de obscuridade, sendo sempre associado a marginalização dos indivíduos que costumam frequentá-las e a um espaço onde os indivíduos iriam para consumir drogas lícitas e ilícitas.

Com a popularização de festas e o maior entendimento destas como um espaço de entretenimento e fuga da vida cotidiana, sendo esta fuga necessária para a distração e satisfação psicológica dos indivíduos, foi possível observar uma quantidade enorme de festas voltadas ao público heterossexual, devido ao fato de que a comunidade LGBTI estava em um local de marginalização e exclusão social.

Passados os anos, mais particularmente nas décadas pós 2000, os debates de gênero e sexuais se fizeram mais presentes em meios de comunicação, isto também pela popularização da internet e das redes sociais digitais, e com isso ficou mais fácil e possível reivindicar espaços para esta comunidade que não se via encaixada em espaços heterossexuais que muitas vezes eram LGBTI-fóbicos.

Neste contexto de reivindicação de espaços e de locais de fala, performance e representatividade surgiram as três festas que foram trazidas para o presente estudo. Devemos pensar entretanto, qual o real significado e a real relevância que o surgimento de festas como estas traz para a comunidade LGBTI, pensando em todo o contexto social e histórico destes indivíduos.

O significado é imenso. Uma comunidade que tinha poucos espaços para se reunir, interagir e trocar conhecimento e informações que poderiam ajudar a si mesmos – e que quando tinha espaços como estes eram extremamente marginalizados – viu surgir, não apenas com as três citadas festas na cidade de Brasília mas com diversas outras, um local que prioriza o espaço de afeto, conexão, performance, liberdade e comunicação de maneira não hierárquica em termos de sexo/gênero.

Não devemos ignorar ou menosprezar a existência de festas, cabarés ou encontros LGBTI, principalmente homossexuais, no século XX – que aconteciam por exemplo no bairro da Lapa no Rio de Janeiro, como apresentado no livro “Além do Carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX” de James Naylor Green – mas sim, ressaltar a vigente aceitação e não marginalização destas festas a partir dos 1990/2000. As festas criadas para o público LGBTI saem cada vez mais do espaço de gueto e reclusão e entram para o circuito comercial e popular de festas das cidades brasileiras, em especial na cidade de Brasília.

Quando ouvimos os depoimentos concedidos nas entrevistas realizadas com os organizadores de cada uma das devidas festas – Afete-se, Baile Dionisíaco e Factory – ouvimos alguns termos se repetirem e acreditamos que eles sejam a base para o entendimento do presente artigo. Afeto, experiência, liberdade, performance. Quando pensamos as particularidades de significado de cada um destes termos que se fazem presente nas entrevistas, entendemos a necessidade da comunidade LGBTI de possuir um espaço onde pudesse “realizar” tais termos. Assim, entendemos o afeto como a simples troca de carinhos, palavras, olhares ou emoções entre duas ou mais pessoas, a experiência e a performance como já explicadas anteriormente e a liberdade como a possibilidade dada aos indivíduos de se experienciar e performar.

Quando pensamos em direitos das mulheres, dos negros ou da comunidade LGBTI muitas vezes pensamos primeiramente em contextos relacionados ao trabalho ou ao estudo; porém, acreditamos na igual importância de existirem espaços que propiciem elementos como o afeto e a diversão. Os indivíduos da comunidade LGBTI que já vem

sendo inseridos dentro de espaços cotidianos de estudo, trabalho e convívio – apesar de ainda haver muita luta dos mesmos para um reconhecimento digno nestes espaços – precisam também deste local de descontração e entretenimento, pois – assim como apresentado no referencial teórico – este espaço constrói a história e as relações de uma sociedade, não apenas pensando o local de descontração como um aditivo da vida cotidiana, mas sim um complemento indispensável.

Partindo deste ponto, focamos o presente artigo neste estudo de como se deu o surgimento e como se dá a organização destas festas. Percebermos que a maioria das festas surgiu de maneira colaborativa e que fugia do contexto comercial de entretenimento, não sendo festas de produtores ou agentes culturais já estabilizados, mas sim festas que foram criadas para dar espaço a todos os públicos, desde o seu início. Este papel de colaboração e de repetição em meios LGBTI é visto muitas vezes, já que indivíduos destes meios que tem diversas expertises se unem para reivindicar mais espaços. Porém, se pensarmos que esta luta não deveria ser apenas dos indivíduos que estão nesta situação de marginalização ou se pensarmos que os incentivos de governos devem ir também para a criação destes espaços e que produtoras consolidadas devem repensar seu espaço de festa, visando uma igualdade dentro deste, chegamos ao questionamento final do presente artigo. A consciência coletiva para a existência e promoção destes espaços.

Quando chegamos neste ponto para além da luta vinda das pessoas que necessitam destes espaços, observamos o fato de que a comunidade como um todo deve reivindicar e pedir por locais com maior igualdade, afinal, todos os indivíduos se beneficiariam com festas que prezassem pela liberdade, pela experiência e pela performance individual, sem julgamentos. Sendo assim, ressaltamos a importância da abertura destes espaços conhecidos como “*gay friendly*” ou de maneira mais abrangente, igualitários, pois com eles, não só a comunidade LGBTI se faria mais presente e possuiria um local de representatividade, mas os cidadãos como um todo teriam um espaço de auto expressão não observada ou julgada.

6- Considerações finais

Após entendermos a importância social, não só para a comunidade LGBTI, da abertura e da existência de locais que prezem pela conexão das pessoas e pela volta ao

sentido sensível da comunicação e da interação corporal, finalizamos o presente artigo com a proposição de que comunicadores e profissionais do meio do entretenimento revejam e repensem seus espaços.

Afinal, como cada vez mais vemos debates e pesquisas em comunicação passando por um viés mais estético e sensível das relações humanas, por que não dizer que o espaço da festa seja o local ideal para entendermos como estas relações ocorrem em sua qualidade mais natural e sem interferências?

E, considerando este espaço como um local livre destas interferências, porque não estudarmos cada vez mais as relações interpessoais e intrapessoais nestes momentos de inserção e descontração nos referidos espaços?

7- Referências bibliográficas

AMARAL, Rita. **Festa brasileira: o sentido de festejar num país que não é sério**. 2004. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde-21102004-134208/pt-br.php>>. Acesso em: 03 jul. 2017.

BONDÍA, Jorge Larrosa. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Rev. Bras. Educ. [online]. 2002, n.19, pp.20-28.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

FABIÃO, Eleonora. **Performance e teatro: poéticas e políticas da cena contemporânea. Sala Preta**, [s.l.], v. 8, p.235-246, 28 nov. 2008. Universidade de Sao Paulo Sistema Integrado de Bibliotecas - SIBiUSP.

GLUSBERG, Jorge. **A Arte da Performance**. São Paulo: Perspectiva, 2005.

GREEN, James Naylor. **Além do Carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX**. São Paulo: Editora Unesp, 1999. 547 p.

GREINER, Christine. **O corpo: pistas para estudos interdisciplinares**. São Paulo: Annablume, 2005.

MIGUEL, Luis Felipe. **Os meios de comunicação e a prática política**. 2002. Disponível em: <[http://www.andi.org.br/sites/default/files/legislacao/12. Os meios de comunicação e a prática política.pdf](http://www.andi.org.br/sites/default/files/legislacao/12.Os%20meios%20de%20comunica%C3%A7%C3%A3o%20e%20a%20pr%C3%A1tica%20pol%C3%ADtica.pdf)>. Acesso em: 03 jul. 2017.

MORAES, Elaine Cristina Gomes de. **Espetáculo, festa, argumentação e organização:** reflexões sobre os eventos como estratégia de comunicação em movimentos sociais. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2013. 228 p. Disponível em: <<https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/109293/ISBN9788579834745.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 03 jul. 2017.

SANTAELLA, Lucia. **Culturas e artes do pós-humano, da cultura à cibercultura.** São Paulo: Paulos, 2003.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil para análise histórica.** Nova York: Columbia University Press, 1989.

YOUNG, Iris Marion. **O Gênero como Serialidade: pensar as mulheres como um coletivo social.** Revista Ex Aequo – Associação Portuguesa de Estudos das Mulheres, nº 8. Porto: Celta Editora, 2004.

ZACARIOTTI, Daniel; MOLINA, Anelise. **Identidades trans no Tinder.** 2017. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/sis/eventos/regional/resumos/R56-0071-1.pdf>>. Acesso em: 25 jun. 2017.

Lesbian, Gay, Bissexual, Transgender. Disponível em: <http://www.apa.org/topics/lgbt/>. Acesso 03/07/2017.

What is Intersex? Disponível em: http://www.isna.org/faq/what_is_intersex. Acesso 03/07/2017.

Histórico da luta LGBT no brasil. Disponível em: <http://pre.univesp.br/historico-da-luta-lgbt-no-brasil#.WV1AesbOpmA>. Acesso